



Efeitos das plataformas digitais no trabalho docente

Efectos de las plataformas digitales en el trabajo docente

Bárbara de Carvalho Ortega

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Brasil.
barbarao.ortega@gmail.com

Macarena Elzaurdia

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Brasil.

Introdução

Propomos apresentar no ensaio a seguir os efeitos do trabalho docente diante da cada vez mais ampla plataformização da educação. O professor atualmente faz parte do “cognitariado” (Srnicek, 2019) que trabalha a nova matéria-prima emergente “dados”, convertendo e reduzindo sua força de trabalho (Marx, 2008) à nova materialidade digital que compreende a redução do trabalhador a diversas variáveis possíveis de serem inseridas na economia dos dados. Educar, ensinar e aprender adaptam-se, implicando novas formas de trabalho docente que nos interessa abordar. Nesse sentido, analisamos as transformações do capitalismo desde a revolução digital ocorrida na década de 90 (Srnicek, 2019) as adaptações do trabalho nesse movimento. Por fim, discutiremos sobre as particularidades que o trabalho docente adquire com o advento da educação em plataforma.

No neoliberalismo a intimidade não só se torna um objeto de consumo (Sibilia, 2008) do qual se extrai um valor reconhecido no mercado, mas também se torna necessário geri-la e controlá-la de acordo com as novas exigências do capital: desempenho, eficiência e maximização da produtividade. Surge, portanto, o homo economicus, esse sujeito que se torna “seu próprio capital, seu próprio produtor, fonte de (sua) renda” (Foucault, 2007, p. 264).

Na era digital, novos elementos técnicos estão disponíveis para digitalizar o capital humano inerente à forma do “autoempreendedor”, dentro da qual o próprio trabalhador extrai de si o máximo valor possível para aumentar o seu capital. Os dados que são extraídos

das interações que ali ocorrem tornam-se matéria-prima, afetando as formas de produção e circulação de mercadorias, bem como a subjetividade dos trabalhadores. O próprio trabalhador como dado não é mais apenas um autoempreendedor que precisa aumentar o seu próprio capital humano, mas os investimentos realizados são transformados em dados que entram no funcionamento do capitalismo de plataforma.

A tendência para a previsão e análise de dados facilitada pelo avanço tecnológico ilimitado renova a promessa de substituir a força de trabalho pela máquina. Ao mesmo tempo, a desregulamentação e a privatização da vida propostas pelo neoliberalismo estão interligadas com o avanço do capitalismo de plataforma, produzindo efeitos no trabalho que apenas aumentaram as exigências de produtividade face ao avanço tecnológico exponencial. Diante disso, torna-se imperativo tornar-se um empreendedor, o que agora significa entrar na economia dos dados. Adaptar-se às novas demandas de oferta de dados parece ser o caminho para evitar a obsolescência em uma cultura que recompensa novas sensações (Turcke, 2010). Tal digitalização da vida apresenta-se como o inverso de uma realidade que está longe de beneficiar quem trabalha, pois costuma enfraquecer direitos ao mesmo tempo que torna a sua existência precária devido à indefinição dos limites entre tempo livre e tempo de trabalho, vida privada e vida pública (Arendt, 2009). En suma,

las plataformas digitales de trabajo constituyen nuevos “mecanismos empresariales de explotación” que toman “el mundo entero como su área

de acción" y que succionan el producto del trabajo de un proletariado del sector de los servicios que está internacionalmente disgregado (Radetich, 2022, s/p).

Nesse sentido, a economia dos dados envolve a introdução de uma linguagem numérica na qual os dados dos professores são inseridos enquanto o controle é exercido sobre o seu trabalho e sobre eles próprios. (Deleuze, 1992)

Plataformas digitais e trabalho docente

A despeito das produções acadêmicas que tratam sobre as plataformas que atuam no campo educativo e a digitalização do trabalho docente, Zukerfeld et al (2024) sistematizou três pontos de análise: "a) aqueles dedicados às condições de trabalho docente; b) aqueles que se dedicam à exploração no trabalho docente e c) aqueles que se dedicam à titularidade sobre o conhecimento e os conteúdos produzidos." (Zukerfeld et al 2024, p. 21, tradução nossa)¹. Essa sistematização foi ponto de partida para nosso método de pesquisa de caráter bibliográfico, no qual estabelecemos diálogos entre diferentes teóricos e pesquisadores contemporâneos que nos auxiliam a pensar a temática do trabalho docente junto das plataformas digitais que atravessam o campo educativo. Neste artigo nos dedicamos às questões relacionadas aos dois primeiros pontos indicados por Zukerfeld et al (2024), de modo que os resultados da análise são compartilhados em seguida.

Sobre as condições de trabalho docente (a), as pesquisas destacam "um aumento e flexibilização do tempo, uma intensificação no controle sobre o trabalho"² (Zukerfeld et al 2024, p. 21, tradução nossa). Esse indicativo relaciona-se à conectividade ampliada entre comunidade escolar, diante da transformação das relações de tempo e espaço, que rompem com o ritmo biológico e impõe a velocidade

maquínica para produzir. Sendo as tecnologias digitais instrumentalizadas como novos dispositivos da biopolítica que busca regulamentar a vida a todo tempo, vivenciamos uma Sociedade do Controle (Deleuze, 1992; Sibilia, 2015) em que "Os tentáculos do biopoder se desdobram e não cessam de se alastrar,[...] para atingir todos os espaços e todos os tempos, todas as vidas durante a vida toda." (Sibilia, 2015, p. 215). Nesse contexto, além de todo tempo ser tempo de trabalho, há um embaçamento entre as fronteiras do público e privado que inauguram uma série de problemas na organização da vida cotidiana dos professores. No mundo on-line, reconfiguram-se "certas fronteiras de proximidade e distância com seus próprios alunos. Nas redes sociais, afinal, as interações entre professores e alunos podem sempre se desenvolver à margem da instituição escolar." (Santos, 2024, p. 185-186). Deste modo, os professores são obrigados a lidar com a gestão de sua própria imagem, de modo que buscam manter seu perfil alinhado aos valores morais esperados de um professor.

Por fim, sobre as produções acadêmicas que destacam a exploração no trabalho docente com a digitalização (b), Zukerfeld et al (2024, p. 22, tradução nossa)³ destacam que está havendo uma apropriação, por parte de empresas privadas, das "produções docentes - por exemplo, apresentações, infografias, vídeos e até mesmo aulas escritas sem a necessidade de remunerar adicionalmente o trabalhador que os produziu.". Assim, percebemos um aumento significativo na carga de trabalho para o professor que não vem acompanhado de reajuste salarial, de modo que o docente não apenas necessita se apropriar das novas tecnologias para utilizar as plataformas, mas também se tornar mais um produtor de conteúdo do que um docente.

Considerações finais

A digitalização da vida intensifica a precarização do trabalho docente, que em contexto contemporâneo brasileiro, iniciou em 2016 e "se aprofunda com a reforma trabalhista, em 2017, e ganha novos contornos com a crise sanitária em 2020." (Andrada et al, 2023, p. 11). Deste modo, diante de tantas transformações no trabalho docente junto das plataformas educativas, percebemos que o uso dessas últimas vem colaborando para a precarização, já em curso, da docência, tendo em vista principalmente a instrumentalização das novas tecnologias para otimizar o processo de ensino/aprendizagem. Nessa lógica o professor atua em um tempo em que todo tempo pode ser tempo de trabalho, e é obrigado a lidar com mais e outros tipos de trabalhos (não são remunerados).

Palavras-chave:

Trabalho docente. Plataformas educativas. Neoliberalismo.

Referências

ANDRADA, Ana Carolina et al. Plataformas digitais de cuidado no Brasil: acesso e controle do trabalho no entrecruzamento de múltiplas crises. Tempo social, Revista de sociologia da USP, v. 35, n. 3, 2023.

ARENDT, Hannah. La condición humana. Barcelona: Paidós, 2009.

DELEUZE, Gilles. Pos-scriptum sobre as sociedades de controle. Nóesis, v. 66, p. 221-225, 1992.

FOUCAULT, M. Nacimiento de la biopolítica. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MARX, Karl. El capital: Crítica de la economía política. Volumen I. México: Siglo XXI Editores, 2008.

RADETICH, Natalia. Capitalismo. La ubierización del trabajo. México: Siglo XXI Editores, 302p. ISBN: 978-607-03-1274-8.

SANTOS, Tiago Ribeiro. Autocontroles da imagem de professor na Internet. In:

¹ "a) aquellos dedicados a las condiciones laborales docentes; b) los que se abocan a la explotación en el trabajo docente y c) los que se dedican a la titularidad sobre el conocimiento y los contenidos producidos."

² "un aumento y flexibilización del tiempo, una intensificación en el control sobre el trabajo"

³ En estos artículos se enfatiza que la replicabilidad de los bienes digitales permite a las instituciones educativas, en más de una ocasión empresas, apropiarse y replicar las producciones docentes - por ejemplo, presentaciones, infografías, videos e incluso clases escritas- sin necesidad de remunerar adicionalmente al trabajador que los produjo.

VALLE, Ione Ribeiro. Miséria e sofrimento na educação brasileira. Salvador: Edufba, 2024.

SIBILIA, Paula. La intimidad como espectáculo. Fondo de Cultura Económica, 2008.

SIBILIA, Paula. O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Srnicek, N. Capitalismo de plataformas. Buenos Aires: Ed. Caja Negra, 2019.

SRNICEK, Nick. Capitalismo de plataformas. Buenos Aires: Ed. Caja Negra, 2019.

TURCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Tradutores: ZUIN, Antonio A. S. et al. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2010.

ZUKERFELD, Mariano et al. Digitalización, plataformización y automatización del trabajo en los sectores del software, la producción audiovisual, la docencia, el reparto y el empleo doméstico: indagaciones preliminares y avances de investigación. Revista latinoamericana de antropología del trabajo., n. 17, enero-junio, 2024.